

## II | Debate

## INTERVENÇÕES DO PÚBLICO

1 – Eu também sou agnóstico. E agora que já não sou só iraniano, sou também português, devo-me preocupar muito com a orientação que esta civilização está a tomar. Acho que podíamos dizer, talvez com um pouco de exagero, para provocar, que esta é uma civilização *excremental*. Penso muito concretamente no tratamento dos prisioneiros palestinianos pelos israelitas que põem excrementos neles para os torturar. Acho que este é um exemplo muito forte desta preocupação, deste mundo onde se chegou a um ponto que, além de nos cortar a palavra, além de nos pôr na lógica do ódio, também nos põe excrementos em cima. E acho que os poetas e os intelectuais que estão em trânsito pelo mundo global, como dizia o Professor Boaventura de Sousa Santos, se devem efectivamente preocupar muito com esta situação.

2 – Globalmente, eu acho fundamental estabelecer qual é a fronteira da questão e parece-me que, até agora, a questão não tem sido posta como deve ser. Referiu-se, há pouco, a questão da nossa tradição. Temos a mania de pôr as coisas como universais, e se calhar também tenho, mas propôs-se que a nossa tradição é judaico-cristã, do que eu discordo inteiramente. A nossa tradição, nesse sentido, é uma tradição que remonta também à revolução francesa e é, senão anti-religiosa, pelo menos, de uma forte separação entre o religioso e o civil. E, portanto, é aí que está a tradição. Parece-me que a fronteira é exactamente esta. O que nós assistimos nesta discussão foi a um coro de defensores de medidas repressivas, de controlo da informação, que vêm de todos os sectores, de todos os fundamentalistas, desde Bush aos Ayatollahs. Aí estamos todos de acordo. Portanto, na verdade o que se está a defender são os direitos, os direitos civis da liberdade de expressão como tal. Ou seja, aqueles *cartoons*, efectivamente, podiam

ter sido publicados no *Le Monde*, e não teriam provocado nenhuma polémica. O problema é que eles foram publicados num jornal de extrema-direita e com intenção. Portanto, a intencionalidade, aqui como noutras coisas, não é irrelevante. Assim, neste caso concreto, isto entraria nas blasfémias deliberadas. Portanto, houve intenção de ofender os muçulmanos. É essa a parte importante, não é a questão da liberdade de expressão, mas a questão da intenção que ali presidiu. Até também do ponto de vista da interpretação, porque ninguém no mundo disse que aquele *cartoon* representava Maomé. Representava, isso sim, os muçulmanos na globalidade. Significa que eram todos bombistas. Portanto, eu acho que são duas questões diferentes: a questão da liberdade de expressão, e a questão de ofender e marginalizar os muçulmanos, porque os *cartoons* poderiam ter sido publicados noutro lado com outra intencionalidade.

3 – Boa tarde. O meu nome é Helena. Escutei falar aqui em Maomé, judaísmo e cristianismo. Nós realmente temos que aprender a viver uns com os outros. Nós não podemos viver longe uns dos outros. Eu tenho o grande privilégio de pertencer a uma igreja chamada “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, normalmente conhecida como Mórmon. Eu sei realmente que, por vezes, as pessoas fazem as coisas sem intenção. E nós temos que aprender a descobrir as coisas como elas realmente são. Eu não sou agnóstica de modo algum. Eu sou cem por cento cristã. Eu acredito em Deus, o pai eterno, em seu filho Jesus Cristo e no Espírito Santo. Aquele senhor (Mostafa Zekri) falou de algo muito importante: em Meca, Maomé e os companheiros mandaram retirar todas as coisas menos a representação de Maria e de Jesus Cristo. Para mim, Jesus Cristo é o filho de Deus. E quando alguém entra em conflito com isso, não está a entrar em conflito comigo nem com ninguém, está a entrar em conflito consigo mesmo. Eu, em relação aos *cartoons*, acho que há limites. Eu não posso chegar perto de uma pessoa e fazer certas coisas para ofender, magoar essa pessoa. Há liberdade e há limites para a liberdade. Porque se não aprendermos esses limites vamos, de uma forma ou de outra, magoar-nos sempre uns ou outros. Não aprendemos! É como um pai de família, uma mãe de família, e os filhos. Os pais são pais para darem exemplo aos filhos, e os filhos têm que dar o exemplo aos pais. Os pais amando os filhos e os filhos amando os pais, os irmãos, uns aos outros, e à família. Nós todos somos uma família. Mundialmente somos uma família. E devemos trabalhar nesse sentido, de sermos uma família. Eu sei que realmente este debate é importante e antontem ouvi a Doutora Irene na rádio e senti o dever de vir aqui. Eu participei hoje no debate

porque este é um grande problema que nós temos que aprender a contornar. Nós temos que aprender a respeitar-nos uns aos outros, e cada um de nós.

4 – Queria cumprimentá-los pelas intervenções e pela oportunidade de confronto de ideias tão aberta e tão expressiva. O meu nome é Ana Luísa Riquito e sou assistente da Faculdade de Direito aqui da Universidade de Coimbra, onde ensino Direito Internacional e Direito Constitucional. Sou também vice-directora do Centro de Direitos Humanos. E, mais do que uma questão, confesso que tenho algumas reflexões suscitadas estritamente pelo que ouvi aqui. A primeira prende-se com a primeira intervenção, do Professor Adel Sidarus, que muito gostei de ouvir, mas tenho uma objecção de base, desde logo, ao primeiro comentário de que a nossa sociedade chegou tarde a esta discussão. Eu não creio que isso seja inteiramente verdade. Escreveram-se milhares de páginas a propósito do caso Salman Rushdie, por exemplo. Escreveram-se centenas de páginas, seguramente, acerca de episódios semelhantes ao do *cartoon* do Papa com o preservativo no nariz, já para não falar dos rios de tinta que correram relativamente à publicação de um evangelho blasfemo pelo agora nosso prémio Nobel da literatura José Saramago, o *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Podemos acrescentar, ainda, o plano estritamente académico e doutrinário em que muitas obras são felizmente publicadas sobre a questão da liberdade de expressão e a sua concordância prática ou harmonização com os direitos de protecção e liberdade das minorias. Portanto, eu não acho que tenhamos chegado assim tão tarde ao debate. Mal seria que, depois de quase um século de ditadura – que tanto praticou a censura – nós não nos tivéssemos já confrontado com problemas de fronteira deste tipo. Depois, relativamente à intervenção da Professora Isabel Allegro Magalhães, é sempre muito bom ouvir alguém que vem da literatura, e nomeadamente da literatura comparada. Eu acho que se há domínio que nos leva a cultivar a liberdade de espírito é realmente a literatura comparada. Simplesmente eu gostaria de dizer que infelizmente, *infelizmente*, não me parece que a tradição ocidental, na tríade da revolução francesa, tenha acentuado apenas a liberdade. Infelizmente, o estalinismo, que foi tão difundido, acentuou a fraternidade e o igualitarismo, mais do que a liberdade. E foi justamente com o pretexto de fraternidade que esses sistemas totalitários vieram censurar a liberdade de expressão. Por outro lado, parece-me um bocadinho injusto, confesso, que se invoque aqui a tradição europeia de eurocentrismo e colonialismo, que todos nós conhecemos e de que seguramente nos envergonhamos. Somos um povo de colonizadores. Há pouco mais de 30 anos estávamos a matar angolanos e moçambicanos. Mas parece-me um bocadinho injusto invocar aqui isso para dizer

que esta situação dos *cartoons* é mais uma manifestação do olhar sobranceiro ocidental sobre o Outro, porque eu acho que, justamente, a Europa tem feito um genuíno esforço de combater essa sobrançeria, esse neocolonialismo, essas pulsões imperialistas. Portanto, parece-me que isso é um pretexto para cultivar mais uma vez, ao nível internacional, um duplo *standard* ético de exigência relativamente à conduta dos Estados. Quando é Abu Ghraib: “Ai, meu Deus, que os americanos fazem isso”, mas quando é um ditador de um país pobrezinho cultiva-se a psicologia dos coitadinhos que não têm voz na sociedade ocidental. Eu reconheço que temos um historial. Todos temos esqueletos no armário. Os portugueses, pelo menos, têm muitos. Os dinamarqueses também terão. Mas parece-me um bocadinho injusto invocar agora esse historial de sobrançeria sobre a alteridade, sobre o Outro para dizer que os *cartoons* são apenas um reflexo disso mesmo. Depois gostaria, sinceramente, de cumprimentar o Dr. José Pacheco Pereira porque acho que exprimiu justamente tudo aquilo que eu penso relativamente a esta questão. O Professor Boaventura de Sousa Santos sabe que sou uma admiradora confessa dos seus escritos e sobretudo das suas premissas antropológicas, a pretexto dos seus escritos, como a questão da fome no mundo. Apraz-me até verificar que tenha invocado aqui a teoria da acção comunicativa de Habermas, porque ela pressupõe uma ideia de reciprocidade simétrica entre os interlocutores. E se o problema aqui é um problema da zona de fronteira, de estarmos numa zona de contacto internacional em que eu posso ser o Outro de um outro Estado, então, eu gostaria de lhe perguntar, Professor Boaventura, se o Saramago não devia ter tido em consideração os católicos irlandeses quando escreveu o Evangelho em que, entre outras coisas, um diabo ambíguo sugeria ao filho de Deus que tivesse sexo com animais. O Saramago não devia ter pensado nos católicos irlandeses? Ou não devia ter pensado na zona de contacto entre mim que sou laica, não acredito em Deus nenhum, urbana, moderna e a minha avó de 92 anos, que é rural, que ainda assistiu à missa pré-Vaticano II em latim? Então, não devia ter tomado isso em consideração? E, já agora, só mais um *hard case*. Como alguém que cultiva o feminismo liberal, nessa linha de consideração, se podemos concordar com um italiano que vem propor, como médico, que enquanto os muçulmanos continuarem a praticar a excisão genital feminina – enquanto não nos convenceremos que isso é uma violação do direito à integridade física grave –, se deve fazer a excisão de uma forma clínica, apenas espetando um alfinete no clítoris das senhoras. Enquanto não nos convenceremos de que isso é uma prática que realmente viola a dignidade da pessoa humana, se o universalismo é o ponto de chegada, então, será que podemos esperar chegar aí para que isso aconteça?

5 – Eu tenho duas questões para o Dr. José Pacheco Pereira. A primeira é: será que há arrogância maior do que a proclamação dos ditos valores ocidentais como universais e, como tal, devem ser respeitados pelos Outros, se os próprios ocidentais, entre aspas, não respeitam os valores dos Outros? A segunda questão é: se o Dr. José Pacheco Pereira fosse ou estivesse do outro lado, até que ponto tolerava ou aceitava a proclamação dos ditos valores ocidentais nos moldes em que ela tem sido proclamada?

6 – Eu cheguei aqui muito confusa e confesso que continuo muito confusa. E tenho questões que, depois daquela intervenção [de Ana Riquito], eu sei que são muito toscas. Mas, recuperando algo que foi dito, a minha questão é: eu quero respeitar o Outro, eu quero estar atento aos valores do Outro, mas a verdade é que eu tenho valores que para mim são absolutamente essenciais. Como mulher, chocam-me as questões, por exemplo, relativas à excisão do clítoris e as questões, por exemplo, relativas à poligamia – que eu já ouvi defender, por exemplo, no Canadá, precisamente para respeitar os valores das comunidades que lá estão e que praticam a poligamia. Eu pergunto: onde é que isto pára? Onde é que fica o meu direito de defender os valores de liberdade que muitas mulheres antes de mim construíram e de que eu usufruo? Como é que isto se resolve? Quando é que nós vamos encarar aqui a questão, por exemplo, do uso do véu, que foi tão problemática em França? Como digo, talvez esteja a misturar muita coisa, talvez tudo isto seja muito tosco, mas era isto que eu queria que me esclarecessem. Onde é que está e onde é que pára o respeito pelo Outro?

7 – Nesta discussão sobre a universalidade e a relação com o Outro, acho que temos que fazer uma distinção entre a pretensão de universalidade, que é muitas vezes aquilo que comanda a nossa ideia de que os valores que defendemos são universais, e a universalidade como ponto de chegada, de que falou o Boaventura. Tem necessariamente que ser um ponto de chegada. Em relação a este problema dos direitos das mulheres, a dificuldade real que aqui se põe é que enquanto outras populações e outras culturas não assumirem como seus valores que nós defendemos, continuará a haver tipos de comportamento que condenamos a partir daquilo que nós defendemos como valores universais. Aquilo que nós temos que fazer é, precisamente, encontrar um modo de enfrentar o problema em lugar de o ignorar e parece-me que aí há um caminho que foi proposto e que foi aberto, e que o Boaventura já referiu também em algumas das suas obras, que é precisamente

um caminho que parte daquilo que para nós são princípios, são questões que nós damos por adquiridas e não pomos em discussão quando estamos na nossa sociedade, mas que, quando somos confrontados com os Outros, passam a ter de ser postas à discussão e defendidas com argumentos. Portanto, parece-me que tem de haver um esforço de submeter à discussão e ao confronto outras concepções, para que a universalidade possa ser um ponto de chegada. Se não o fizermos, aquilo que acontecerá, como acontece muitas vezes no caso da excisão, é que se proíbe a excisão ou outro tipo de práticas que consideramos incompatíveis com a dignidade humana, mas elas passam simplesmente à clandestinidade e continuam a ser praticadas. Queria só acrescentar outra coisa em relação à liberdade de expressão, deixar aqui uma nota que me parece que é importante. Têm acontecido na Europa vários episódios de limitação e de violação da liberdade de expressão que não tiveram o tipo de resposta que este teve. Por exemplo, há um ano atrás, Edgar Morin, Sami Nair e Danielle Sallenave foram condenados por um tribunal francês por ofensa aos judeus e ao Estado de Israel por terem publicado um artigo no *Le Monde*, em 2002, em que faziam uma crítica ao Estado de Israel. Entre os que saíram em defesa deles estava, por sinal, uma associação judaica também crítica da política do Estado de Israel em relação aos palestinianos. O caso não foi muito discutido, embora seja parte de uma tendência importante em França para tentar criminalizar como manifestação de judeofobia ou anti-semitismo qualquer crítica que seja feita ao Estado de Israel, como propõe um recente relatório apresentado ao governo francês. É importante que se veja que há aqui pesos e medidas distintos e há aqui também certos tipos de práticas que limitam a liberdade de expressão que não merecem, muitas vezes, o mesmo tipo de condenação que mereceu, por exemplo, o caso que aqui nos trouxe. É muito importante também que se perceba que o princípio da liberdade de expressão é uma coisa distinta do exercício efectivo da liberdade de expressão tal como ele existe e tal como está legislado. Esse exercício é, de facto, algo distinto daquilo que nós gostamos de proclamar como princípio. Há, pois, ainda um longo caminho que é preciso fazer e para o qual debates deste tipo hão-de contribuir.

8 – O meu nome é Muhammad Nadir. Sou Professor de árabe na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sou um investigador marroquino, de Rabat, e estou a fazer doutoramento. Estou aqui há 9 anos, portanto sou já um pouco conhecedor deste país e da sua cultura, assim como deste mundo lusófono. Aprendo todos os dias com as pessoas. De facto, eu não estava para falar, mas apenas queria referir uma intervenção do José Pacheco Pereira, que ele talvez

quererá esclarecer já. Em primeiro lugar, eu conheço o trabalho de José Pacheco Pereira, já que era um leitor assíduo das suas crónicas no *Público* e era também ouvinte assíduo do *Flashback* numa rádio aqui em Portugal. Portanto, eu conheço o seu pensamento muito bem. Já há uns seis anos, num debate na televisão, o Dr. José Pacheco Pereira disse “nós somos ocidentais, os outros é que são os beduínos...”. Lembro-me que isso até suscitou uma intervenção da mesa, na altura, no debate. Mas não há problema nenhum. Pode exprimir-se como quiser. (José Pacheco Pereira: “Nunca disse a palavra ‘beduíno’”) Agora uma questão: será que esta plateia, por exemplo, tem o direito a falar, a dizer aquilo que pensa no seu foro íntimo, tal como aquilo que o Dr. Pacheco Pereira disse ou o que exprimiu? Portanto, o direito a chamar os outros qualquer coisa? É incrível! Não pode, não é possível! Tem que respeitar! Eu tenho que respeitar o Dr. Pacheco Pereira como ele é, com o seu pensamento. Eu não posso chegar aqui e chamar-lhe nomes. Mesmo discordando consigo, eu tenho que o respeitar! O respeito é algo fundamental. Mas se me permite mais trinta segundos, há questões que são importantíssimas e que temos que esclarecer. E aqui há uma questão de conceitos. A questão do conceito “ocidental”. O conceito do “Outro”. O que é afinal o “Outro”? O que é afinal “ocidental”? Hoje no Ocidente vivem 26 milhões de muçulmanos. Hoje esse Ocidente também tem mesquitas. Disse (Pacheco Pereira) que não podemos construir igrejas. Mas vários países ditos muçulmanos têm igrejas! A minha cidade, Rabat, tem uma miscelânea de igrejas anglicanas, catedrais, sinagogas. Há uma catedral no centro de Rabat, grandiosa! Duas catedrais grandes, sinagogas, tudo! Eu posso levá-lo. Marcamos um encontro em Rabat e vamos tomar um café, sem problema nenhum, assistimos a uma missa numa igreja, se quiser. O ser “ocidental” é também uma questão de conceito. Eu também sou cristão! Eu acredito em Jesus Cristo. Logo, eu sou cristão. Então, onde é que está a questão do conceito: o que é ocidental? É uma zona geográfica? Digamos, é um bloco fechado onde o Outro tem que pedir licença para entrar? E o Outro, será que é adversário? E as outras zonas geográficas, são todas adversárias, são inimigas? Meu Deus! Isto era assim na Idade Média! O que é isto? Não pode ser! Hoje temos cada vez mais tendência para o cosmopolitismo, para a troca de culturas. E tenho cada vez mais uma grande sensibilidade a uma questão: uma cultura humanística. E pergunto: até que ponto nós vamos continuar sem o conhecimento da história? E o Professor Pacheco Pereira que até é um historiador conhecido, que já deu provas...

9 – Primeiro, quero dar os parabéns ao Adel Sidarus por frisar um aspecto que é o seguinte: há debates tardios em Portugal não só sobre esta matéria mas sobre o

colonialismo português. Tem havido algumas tentativas, mas há debates que não se fazem, e que são necessários fazer, doa a quem doer, tenham lá muitos esqueletos no armário, na gaveta, ou no coração! Há a necessidade de se fazer um debate sobre o colonialismo, como há necessidade de se fazer o debate sobre os bárbaros e os cristãos em Portugal. Há muito debate a fazer. Este é o primeiro aspecto. Sem dúvida nenhuma que, pela minha experiência nos últimos seis anos em França – no centro da Europa –, pude observar uma grande humilhação das comunidades islâmicas. Volto a subscrever o que o Adel Sidarus disse e tal como o Professor Boaventura de Sousa Santos também disse: há uma humilhação declarada de determinados grupos minoritários. O que quer dizer que se, por um lado, a democracia tem valores universais, há um clima político das elites dominantes que, para a sobrevivência dos seus próprios Estados, vai exigir repensar isso. Vai exigir repensar o que será o diálogo intercultural? Não sei. O que eu sei é o que eu vi, quando vi os carros a arderem em Paris. Ainda na semana passada, eu quis entrar na *École* e não pude. Mas não eram os estudantes que lá estavam: “Eram uns bandidos”, como dizia o ministro Sarkozy, que até se aproximava das teorias dos situacionistas. Eles fizeram um comunicado em que diziam coisas que não tinham nada a ver, o que ilustra a necessidade de um novo diálogo, que é preciso enfrentar. Para terminar, o que eu acho mais interessante, mas que se calhar é o que tem menos peso e significado, é a teoria do *complot*. Atendendo à situação actual, no Iraque, na Palestina, o Hamas, por aí fora: a confusão entre a religião e a decisão política. Nós sabemos que há estratégias e há estratégias que vão alimentar determinadas situações. Até agora, em relação ao Iraque, havia divergências profundas quer no campo americano, quer no campo europeu, e nada me diz que através de processos dos mais sofisticados não se tenha criado todo um mecanismo para que os europeus passassem a ter também uma posição anti-islâmica e procurassem, de certa maneira, levar alguns dirigentes a concordar ou condescender com a direcção americana. Enfim, é a teoria do *complot*!

10 – Eu penso que, se for possível estar de acordo com todas as intervenções, eu estou de acordo com todas. Portanto, se isso é possível, a questão que posso pôr é: o que é que está aqui em causa? Quando se fala de situações como esta, *cartoons*, civilizações e conversas difíceis... E se calhar não vou dizer nada de novo. Penso que têm razão quando dizem que o que está em causa é uma questão de poder, e de poder contra o poder. Basicamente, era o que estava a dizer Adel Sidarus, lembrando a questão dos muçulmanos, dos imigrantes dos diversos países que vêm para a Europa, como num livro de uma psicóloga sobre a violência e as suas

origens, em que pergunta: como é que uma comunidade, qualquer que ela seja, de muçulmanos, de negros, de ciganos, ou de ocidentais de um lado qualquer, pode dar exemplos de liberdade aos seus filhos se, para triunfar, vai para um país que não é o seu, e não triunfa? Se obviamente não houver modelos para eles como para os seus próprios filhos, é uma comunidade que tem vergonha de si própria e dos seus valores. Estava aqui a pensar também que, quando as reacções islâmicas são feitas fundamentalmente nos países islâmicos com a queima de embaixadas, tal acontece porque aí há poder para queimar as embaixadas. Porque na Europa não teriam esse poder. Liberdade de expressão – que limites? – e a parte da religião, e da religião católica... Eu como psiquiatra, tendo a centrar-me na identidade. A identidade funde a parte do cognitivo e do emocional. A questão é quando o cognitivo supera o emocional ou vice-versa. E temos isso nas queimas das embaixadas e em todos estes excessos. Se é cognitivo, é preciso uma distância. Como é que essa distância lógica se consegue num grupo que tem muito pouca distância? Em relação ao Dr. Pacheco Pereira, eu lembrei-me de um debate que houve há uns anos, em que estava a falar de uma frase do Wallerstein: dizia que a lei pode existir como uma desresponsabilização do indivíduo. Se o indivíduo aceita a lei, ele não tem que pensar no que é que está a fazer. Mas também pode não querer saber. E quando se pensa nas leis contra os abusos de liberdade de imprensa, há a liberdade de cada um, e há a censura, o que são coisas distintas. Agora estava aqui a pensar, ter liberdade para fazer *o quê*? E em relação à fé, a fé é uma coisa que não se discute. A fé religiosa... As pessoas têm fé. Não é uma coisa que se deseje, é quase uma coisa intrínseca. Por outro lado, há pessoas que querem ter fé, e que não conseguem. Em todo o caso, a fé faz parte das pessoas, é uma questão de identidade. E a questão que põe o Professor Boaventura na parte final, é como é que tudo isto se junta para se chegar a algum lado? Disse uma coisa no fim que eu achei interessante: o que é ser *ocidental*? O que nos leva ao início desta conversa: o que é que é ser humano, o que é ser gente, o que é ser livre? O que é poder pensar, o que é ser ocidental, o que é ser islâmico, o que é ser europeu, o que é que é ser o que quer que seja? E queria ainda deixar uma frase que está escrita num livro: “a luta contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”.

11 – Sou José João Lucas, sou professor. Eu queria saber se era possível que cada um dos intervenientes da mesa me respondesse a esta pergunta: o que é que cada um, colocando-se cada um no espaço cultural do Ocidente – creio eu que ninguém se pôs fora deste grande lugar que é o Ocidente – gostava que cada um me explicitasse o que é para si o Ocidente. Primeiro, do ponto de vista geográfico, o

Ocidente começa no cabo norte, e vai até onde? Até ao trópico de Câncer? A Oriente, vai até aos montes Urais, e, do outro lado, até à costa oeste dos Estados Unidos, ou não? Do ponto de vista cultural, inclui o quê? A cultura judaico-cristã, como diz o Pacheco Pereira. Greco-Romana, sim ou não? Islâmica, sim ou não? Já agora, Viking, sim ou não? Portanto, a Europa supostamente judaico-cristã não tem nada a ver com a nossa tradição, pelo menos até ao fim do primeiro milénio. O terceiro ponto, também, qual é o posicionamento de cada um dos membros da mesa, relativamente a isso que poderá chamar-se a tradição ocidental. Por exemplo, do lado que condenou Sócrates à morte, ou do lado de Sócrates? Do lado do império romano que chacinou meia Europa, ou do lado de quem foi chacinado? Do lado do Papa, ou do lado de Galileu? Do lado da aristocracia francesa, ou do lado dos revolucionários? E finalmente, do lado dos próprios revolucionários que condenaram a mulher à morte, ou do lado da mulher que se arrependeu e quis uma declaração dos direitos da mulher? De que lado!?

12 – Acho que faltou falar sobre o meio – os *media* – e pegar no que já foi mencionado sobre a liberdade de expressão. Pensando nos *media*, e tendo como o exemplo o Brasil, é o melhor espaço para se falar, onde se exerce a liberdade de expressão. Porém, mesmo no caso do Brasil, e como nos diz um famoso sociólogo brasileiro, Emir Sader, os *media*, *não são* o espaço da liberdade de expressão! Os *media* são um espaço de opinião de poucos grupos, de poucos empresários. Então, eu não sei se esses *cartoons*, sendo publicados nos *media*, aparecem no melhor espaço de liberdade de expressão... E os *media* hoje em dia afirmam-se como os principais defensores da liberdade de expressão. Será que estão defendendo a liberdade de expressão, ou estão defendendo a liberdade de algumas poucas pessoas que são detentoras de tanto poder para se fazerem ouvir? Será que os *media* vão divulgar coisas que, de maneira muito simples, possam interferir no sector comercial, possam prejudicar, sei lá, o seu grande anunciante? É só isso.

## RESPOSTAS DA MESA

### ISABEL ALLEGRO MAGALHÃES

A tarefa de responder aos comentários e às questões partilhadas parece impossível, pois houve muitas intervenções e, dentro delas, inúmeros pontos interessantes para debatermos.

Um desses pontos deixou em aberto a noção do que implica ser europeu. Para mim, ser europeu significa antes de mais reconhecer, acolher, partilhar uma diversidade de culturas; significa pensar e viver dentro de um imenso pluralismo. (Lembro-me de, quando vivi no México nos anos 70, ver-me, pensar-me, dizer-me, pela primeira vez, “europeia” e não portuguesa. Sempre me pensara portuguesa, na Europa. Só quando saí, pude reconhecer a existência de um denominador simbólico comum à grande diversidade europeia.)

Parece-me, pois, essencial a abertura à diversidade, vendo a Europa como uma geografia imbricada onde coabitam e interagem realidades diversas, por vezes contraditórias e até antagónicas, em muitas das manifestações do pensamento e da cultura, reconhecendo que muitos dos posicionamentos antagónicos permitiram ao pensamento avançar.

É certo que a defesa da liberdade foi, como alguém aqui o fez notar, acompanhada também pela defesa da solidariedade, com bons e com maus resultados. Mas julgo ser inegável a constatação de que vingou, vinga hoje sobretudo, o relevo dado à liberdade: vemo-lo nas sociedades de consumo, no princípio hedonista que condiciona muitas das escolhas e dos estilos de vida, na vontade de uma livre expressão das pulsões que nos habitam, individual e colectivamente, nos neocolonialismos e imperialismos, no juízo impositivo que recai sobre o Outro.

Quando o Pacheco Pereira afirma o valor dos direitos humanos e da democracia como valores europeus, ou ocidentais, naturalmente eu estou de acordo: foi na Europa que ambos se formularam. Na origem, essas noções ou conceitos pertencem à Europa. Só que, sendo teoricamente por nós afirmados, na prática, se não rejeitados eles são pelo menos “adaptados” às conveniências de momento; mas quase nunca são, acho eu, repensados e traduzidos em medidas que beneficiem todos, principalmente os marginalizados ou excluídos dos direitos fundamentais.

No que diz respeito aos direitos humanos, apresenta-se em flagrante a nível internacional um caso gravíssimo, entre milhares de outros: Guantánamo. E a Europa, os governos europeus, têm mantido um silêncio cúmplice. Como pode ser possível, hoje, uma violação dos direitos humanos como a que sabemos acontecer nessa prisão? Isto está em forte contradição com os nossos princípios europeus e ocidentais. Guantánamo, como, aliás, a pobreza absoluta e tantas outras situações gravíssimas no Planeta, resiste a essa atitude que a Europa orgulhosamente assume por inteiro: a racionalização. Não são puramente e simplesmente explicáveis situações como esta e tantas outras.

Daí que não me seja possível tomar a Europa, no seu *ethos* actual, como modelar para quem quer que seja. Não somos um “exemplo” a propor e muito menos a impor a qualquer outra civilização. Também não sei se a Europa vive em autêntica democracia. Os regimes são, naturalmente, democracias parlamentares. Mas será que existe nas nossas sociedades um exercício da cidadania acessível a todos? Penso nos cidadãos europeus e também nos que chegam de fora, para trabalhar cá. Em relação a estes: como os olhamos, como respeitamos as diferenças, como lhes concedemos os seus justos “direitos humanos”, como valorizamos as suas culturas, como os “integramos” sem exigirmos que sejam “como nós”?

Sem dúvida me orgulho de ser europeia. No pluralismo das nossas culturas há um sem fim de elementos que nos tornaram mais humanos, nos elevaram a níveis de excelência. Orgulho-me em ser parte desta grande Europa em todo o seu esplendor, invenção, generosidade: na música, na literatura, na pintura, em todas as artes, na filosofia, nas ciências, no pensamento estético, político, místico, na crítica em suas múltiplas áreas. No entanto, a Europa não é apenas a das artes, do pensamento, das formulações.

Por isso simultaneamente me apercebo da dificuldade em singularizar nomes da governação política... É que a pergunta insiste: que sociedades, que humanidade, criámos, ontem e hoje? E, desdobrando-a: que reverência

manifestámos pela alteridade de nós? Em que virtudes éticas apostámos e quais estamos dispostos a viver e a suscitar – dentro de portas, na Europa, e nas relações com outros países e continentes? Para mim a singularidade, a estatura, o valor sem preço, da longa e imensa herança cultural da Europa terá de manifestar-se igualmente na qualidade de vida das sociedades, na sua substância ética, revelando – aí mesmo – a elevação humana a que soubemos, ou não, erguer-nos.

### **ADEL SIDARUS**

O conjunto das questões foi muito amplo, e penso que cada um de nós não pode responder a tudo. Mas queria voltar a algumas questões importantes.

Na análise da situação, o problema não foi a liberdade de expressão, mas o desejo de ofender os muçulmanos. Esta liberdade tem um corolário, o da liberdade do capital. Ora, no exercício destas duas liberdades, se não houver solidariedade, e solidariedade universal, não haverá paz, não haverá concórdia. Teremos antes destruição e guerra!

Direitos humanos e a tão propalada democracia. Não concordo de maneira nenhuma que seja um exclusivo de uma tradição propriamente europeia. Tem outras formas no quadro da história dos povos e das civilizações. E que não me venham falar de herança judaico-cristã, porque a origem de ambas as religiões está no Oriente, não no Ocidente. E o que se diz do legado greco-romano também não é puramente greco-romano. Na verdade, é a herança semito-greco-romana que se pode considerar a matriz da Europa, mas simultaneamente a herança das três religiões monoteístas...

Secularismo. Também o secularismo existiu nas nossas terras. E foi precisamente esse secularismo que o neo-imperialismo ocidental combateu. Porque ele procurava precisamente sair da situação da dependência colonial e neo-colonial, procurando um rumo próprio que ligasse a modernidade à tradição identitária milenar, traçando um destino próprio e genuíno para cada país. O Ocidente egoísta preferiu apoiar ideologias reaccionárias, obscurantistas, religiosas – entre aspas –, para combater o secularismo, o socialismo, o marxismo – todos movimentos libertadores e emancipadores em relação ao Ocidente dito cristão.

Finalmente, uma nota de optimismo, um sonho secreto. O que é para mim a Europa, melhor, o que deveria ser, sendo eu ao mesmo tempo árabe e europeu, árabe e cristão? O império islâmico, no seu esplendor e na sua História antiga, foi verdadeiramente o grande intermediário entre povos e civilizações. Intermediário tanto no tempo, entre a Antiguidade e grosso modo o Renascimento e os tempos modernos, como entre todo o planeta – desde a China até o Atlântico (não se

conhecia ainda a América...). Como historiadores contemporâneos, americanos e europeus, o têm demonstrado, o Islão criou a primeira “globalização”. Ora, este ciclo passou. Olhando agora para a posição geográfica, cultural, política, económica da Europa, ela se situa no “lugar do meio”! Entre uma América egocêntrica e unilateral e um Oriente populoso e em expansão, mas tocando também com um Sul, um Sul plural, em ebulição ou na miséria.

Não caberia à Europa tentar precisamente substituir ou repetir essa gesta que foi o império islâmico antigo? Não teríamos aqui um projecto nobre e exaltante, que nos faria até sair do marasmo em que nos sentimos? Mais do que qualquer região do mundo, a Europa unida, a União Europeia, pode vir a ser, exactamente, o grande intermediário entre os vários povos do planeta, porque ela própria é plural: em termos de línguas, de tradições étnicas e culturais, de religiões, de trocas comerciais.

Mas para isso há que resolver a “questão islâmica” (lembramos que a Europa enfrentou uma “questão judaica” durante o século XIX e XX, até ao genocídio nazi...). Respeitar e integrar, antes de tudo, os quase vinte milhões de muçulmanos espalhados pelos países europeus: elementos preciosos para a abertura e o diálogo inter-religioso e inter-civilizacional. Depois, trabalhar sem complexos para a próxima integração europeia da Turquia: um colosso médio-oriental que serviria de ponte para outras nações e regiões asiáticas. E finalmente reconstruir, sobre novas bases, as relações históricas com os países árabes do Mediterrâneo, esse mar interior que pode voltar a constituir o *mare nostrum* de antanho.

### **MOSTAFA ZEKRI**

No que diz respeito à questão do Ocidente-Oriente, este é um debate muito antigo e que já não tem grande conteúdo... Com todos os movimentos das populações e o desenvolvimento mediático, é muito difícil falar de fronteiras, sobretudo ao nível cultural. Estou a falar de uma certa identificação com grupos sociais. Porque o ser humano precisa de se identificar com alguma coisa. Há vários critérios para esta identificação e cada grupo e cada pessoa quer encontrar e ter referências. Porque uma pessoa sem referências não pode orientar-se neste mundo. E é a mesma coisa ao nível de um grupo social. Então, esta procura de identidades, identidades locais, identidades nacionais, é uma coisa que me parece normal. Mas o que provoca os conflitos é esta negligência de conhecimento mútuo e de reconhecimento. Não é anormal ter ou defender uma identidade de grupo ou da própria pessoa. O que é anormal é *evitar, negar* o Outro porque é diferente.

Há vários elementos que prejudicam e várias vezes bloqueiam a convivência entre os povos de um lado e de outro: a livre circulação de riquezas, a limitação da livre circulação de pessoas, a História comum, que deixou feridas de um lado e do outro, em épocas diferentes (cruzadas, colonialismo sob as suas diferentes formas, etc.), a falta de conhecimento cultural mútuo, entre outras coisas. Não acredito na teoria de *choque* de civilizações, acho que não é bem isso. É mais um *choque de incompreensão*, de um lado e do outro: há que pensar em “Si próprio como Outro” e “n’O Outro como si próprio”.

### **JOSÉ PACHECO PEREIRA**

Há certas perguntas muito simples que nós estamos a perder no meio desta discussão. A primeira pergunta que eu coloco a mim próprio é o que é que eu desejo como sistema de valores para todos. Não é a mesma coisa do que dizer que os meus são universais. Eu não penso que haja uma universalidade natural dos valores. Penso, pelo contrário, que eu próprio, como se me colocam escolhas (eu acho que o espaço público é essencialmente feito de escolhas), eu pergunto-me a mim próprio que mundo é que eu desejo para todos. Não acho que haja maior respeito pelo Outro do que o desejo de que aquilo que eu próprio desejo seja para todos. Esta é uma atitude fundada na nossa tradição e fundada na tradição do melhor do pensamento humanista. O que é que eu desejo para todos? Desejo que as pessoas vivam em paz, desejo que as pessoas se respeitem, desejo que as pessoas sejam tolerantes, desejo que as pessoas reconheçam as diferenças, desejo que os direitos humanos sejam garantidos, desejo que os homens sejam iguais às mulheres, desejo que não haja tortura, desejo que não haja pena de morte, desejo que haja respeito por um conjunto e um sistema de valores que não é estritamente político, é também, num certo sentido, meta-político. Portanto, eu, em política, pronuncio-me a partir daqui. Não de nenhuma análise histórica, não de nenhuma análise sociológica. É o terreno da ebulição, da escolha política, ou se quisermos, da escolha no espaço público. É, em primeiro lugar, o da escolha. E, portanto, num certo sentido é ético, porque na essência da escolha está um sistema de valores éticos.

Perguntam-me: “por que é que eu me reconheço na chamada tradição ocidental?” Vamos deixar a geografia de lado. “O que é que eu reconheço na tradição ocidental?” Dizem: “Há muita violência, houve Inquisição, há muita desigualdade, há...” Com certeza. No entanto, há certas coisas que fizeram com que o mundo que eu tenho e o mundo que eu desejo que todos tenham seja melhor (a palavra maldita nesta discussão). Melhor. E o que é? Bom, eu olho para a história

da tradição judaico-cristã, se quisermos, e encontro coisas que desejo. Por exemplo, o Cristianismo é de facto, na sua origem, uma religião oriental, mas tornou-se uma religião ocidental, e se quisermos tendencialmente mundial, como todas as religiões, porque aceitou o princípio entre aquilo que é de Deus e aquilo que é de César. Aceitou perfeitamente desde o primeiro minuto? Não. Mas aceitou em primeiro lugar o direito romano, incorporou o direito romano, progressivamente foi incorporando a tradição de pensamento crítico que tinha raízes no pensamento grego, por exemplo, que nós encontramos na literatura clássica, encontramos em Ésquilo, encontramos na Odisseia de Homero, encontramos em Sócrates e Platão. Progressivamente aceitou outro sistema de valores. De facto, aceitou o princípio da sociedade burguesa assente no capital. Foram os holandeses de alguma maneira que descobriram o princípio de que era possível o auto-governo de sociedades comerciantes entre si e que um dos elementos fundamentais dessa ligação era uma maior liberdade em relação ao Estado e em relação às religiões. Foi isso que pintou o Rembrandt, foi isso que pintou o Vermeer. Foi a invenção da privacidade, a invenção da diferença entre um sistema de valores religiosos que era hierárquico e um sistema de valores civis. Portanto, é possível fazer uma história genealógica do nosso sistema de valores. A Revolução Francesa acrescentou alguns, a Revolução Americana acrescentou outros. As sociedades ocidentais e a História tumultuosa dos últimos duzentos anos, cruel em muitos casos, com a Segunda Guerra Mundial, com a Primeira Guerra Mundial, com o colonialismo, acrescentaram outros. Mas, da mesma maneira que eu prefiro um mundo com anestesia a um mundo sem anestesia, apesar de tudo há um sistema de anestesia (chamemos-lhe assim) que eu acho melhor não ter. Eu acho melhor ter a liberdade de falar do que não a ter. Eu acho melhor ter a liberdade de ofender do que não a ter, quer se queira quer não, colocado de uma maneira grosseira. Eu não quero ofender ninguém. Mas acho que, em particular, face a identidades em que o nível de ofensa é muito elevado... Porque o que está a acontecer hoje é que se está a subir o nível de ofensa mútua e, de facto, *cartoons* que não provocariam nenhuma reacção há 10 anos atrás ou 20 anos atrás, como hoje provocam. É verdade que isso se deve a outros factores: a Guerra do Iraque, o conflito internacional, mas, por exemplo, também se deve ao 11 de Setembro, que eu não vi citado até agora. Parece que não existiu, e que é anterior a todos estes eventos. Deve-se a todo um conjunto de acontecimentos que de alguma maneira tem uma história que não data apenas da Guerra do Iraque nem do conflito israelo-palestiniano. Chamo a atenção, aliás, que a própria percepção do conflito israelo-palestiniano mudou com os tempos: quem reconheceu em primeiro lugar o Estado de Israel foi a União Soviética e durante muito tempo a esquerda mundial

considerava que a existência do Estado de Israel era uma grande vantagem em relação às monarquias feudais árabes que tinham sido deixadas de herança pelos Ingleses e, já mais atrás, pela partilha do Império Otomano. Portanto, a História em si não prova nada, a Sociologia em si não prova nada, a descrição societal, identitária e cultural provam também muito pouca coisa. Se nós nos remetermos para isto: “Que valores desejo para o Outro?”, como manifestação última do respeito pelos Outros, eu então encontro um terreno onde posso discutir. Mas eu quero poder discuti-lo. Talvez este debate, e aqui eu desafio quem diga o contrário, não fosse fácil de fazer nem em Damasco, nem no Cairo, nem na maioria das capitais dos países muçulmanos. Até duvido que em Jacarta, que apesar de tudo tinha uma tradição de relativa liberdade religiosa, hoje seja possível fazer esse debate. E em Jerusalém. E alguém se insultou?

Agora, a tradição de olhar e respeitar o Outro é uma posição fundamental dos valores que eu desejo, mas não pondo em causa, e ninguém o faz, aquilo que eu considero do ponto de vista societal serem avanços significativos. Agora dizem-me: “Isto é arrogância”. Bom, se se achar que é arrogância defender os direitos das mulheres, a igualdade das mulheres, tratar as mulheres como se não fossem património dos homens – porque o problema no fundo é que as mulheres são consideradas património dos homens, ou dos pais ou dos irmãos ou dos maridos –, independentemente de eu saber que o Alcorão e a experiência do Islão trouxe melhorias significativas para a condição feminina em relação à situação prévia em muitos países... A verdade é que não podemos ser politicamente correctos para não querer que não haja legislação contra a violência familiar. Quer dizer isto que não se pode ser contraditório. As perguntas que faz o Boaventura fazem todo o sentido: defendo eu que o Pamuk possa dizer que houve um genocídio na Arménia? Sim, senhor. Defendo eu que se diga que há um genocídio em Darfur, onde não há intervenção internacional das Nações Unidas porque os países da Liga Islâmica se opõem à intervenção no Sudão, exactamente porque o conflito é entre minorias animistas ou cristãs e grupos maioritariamente muçulmanos? E, por isso, é que as Nações Unidas só vão intervir em Darfur quando houver efectivamente milhões de mortos como aconteceu no Ruanda e depois vão-se queixar porque intervêm *a posteriori*... Essa é a realidade objectiva: os países da liga islâmica nas Nações Unidas põem em causa qualquer intervenção de tipo humanitário que foi possível fazer no passado em relação a um genocídio que nós reconhecemos que está em curso no presente, em certas áreas do Sudão. É evidente que eu também quero poder ter a liberdade de dizer que há um genocídio em Darfur, como quero ter a liberdade de dizer que não houve Holocausto. Sobre essa matéria eu estou à

vontade porque há muitos anos que eu defendo que a legislação restritiva em países como a Alemanha, Áustria, França, Reino Unido, que põe em causa a possibilidade de se poder escrever o que se quiser sobre o Holocausto, é uma limitação objectiva das nossas liberdades. Não precisei que se encontrasse um equilíbrio de termos. Porque neste momento só se critica a legislação que pune quem põe em causa a existência o Holocausto para encontrarmos um equilíbrio em relação à possibilidade de se poder criticar as caricaturas de Maomé. Eu acho que deve haver liberdade de fazer as duas. Como acho, aliás, que a crítica ao discurso do ódio é também, objectivamente, uma limitação das nossas liberdades. Exactamente porque sem discurso do ódio, por exemplo, não era possível ter-se escrito muito daquilo que escreveu Soli, que era um simpatizante do nazismo, ou os textos do teatro de Alphonse Allain, que são blasfémia pura. Eu acho que nós suportamos bem estas alteridades na nossa tradição, e desejo que o mesmo tipo de alteridades se possa suportar no Cairo, em Rabat, em Argel, em Damasco, em Bagdad e em Jerusalém.

A minha visão das coisas não é impor um sistema de valores, é apenas considerar que isto é bom para todos e acho que aqui há muito mais respeito pelos outros, do que considerar que é para todos os efeitos benéfico que isso não se possa fazer lá porque é identitário. Por que é que é identitário que não haja liberdades? Por que é que é identitário que não se possa defender o ateísmo ou a blasfémia? Porque o Islão efectivamente teve até maior tolerância religiosa com as religiões *do Livro*, não todas, do que tiveram os cristãos ao mesmo tempo. Isso é verdade historicamente. Mas muito menor tolerância, ainda hoje, em relação aos ateus, por exemplo, que ainda continuam nalguns países a ser condenados à morte por defender publicamente o ateísmo. Ou muito menor tolerância em relação aos conversos e à conversão. Aceitaram as comunidades mas puseram em causa tudo aquilo que implicou o crescimento de valores que nós conhecemos como valores da laicidade. Na minha tradição humanista, já para não dizer ocidental, o que eu desejo para mim é o que eu desejo para os Outros. A minha liberdade é o que eu desejo para os Outros. E eu não vi os intelectuais moderados árabes defender em primeiro lugar, na crise das caricaturas, a liberdade de poderem ser discutidas sem *fatwas*, sem condenações à morte e sem queima de embaixadas, que é o papel essencial que é suposto os intelectuais e os moderados políticos do mundo árabe fazerem. Não, os moderados limitaram-se quando muito a dizer “Não reajam exageradamente” e a condenar as reacções violentas no mundo ocidental. Porque, efectivamente, os poucos moderados que escrevem sobre esta matéria fazem-no com risco de vida. É por isso que as comparações relativistas, do meu ponto de vista, obscurecem a questão. O Edgar Morin, do meu ponto de vista injustamente,

teve uma pena de prisão – como teve Roger Garaudy, que se converteu ao islamismo depois de ser comunista e escrever críticas ao Holocausto – teve penas de prisão em França, o que do meu ponto de vista é um completo absurdo. Porque neste momento também se fala em penalizar a crítica ao colonialismo. Por esse caminho, culpabilizamos a História, porque nós pedimos desculpa aos judeus por os ter expulso mas também nunca pedimos desculpa aos árabes por os ter expulso, ou pelo menos por os termos convertido à força. Eu sou contra a culpabilização da História. Acho que esse é o caminho mais perigoso, que aliás também é aberto por este novo mecanismo do multiculturalismo, que se abre de novo para um mecanismo de culpabilização da História. Agora, de facto não é a mesma coisa uma pena de prisão e uma condenação à morte, não é objectivamente a mesma coisa. Quer se queira quer não, de facto há degraus.

Agora eu não quero, e com isto termino, correr o risco de escrever um texto sobre Maomé ou um texto sobre o Islão, que eu considerava pacífico, como provavelmente os caricaturistas dinamarqueses consideravam pacífico, vamos dizer. “Queriam ofender o Islão”, pronto, admito. Se é assim, a maioria das caricaturas não teve esse papel a não ser na repercussão politizada das caricaturas que foi feita no mundo árabe. Porque é evidente que não se fazem manifestações em Damasco sem o governo de Damasco permitir, não se queimam embaixadas em Damasco sem o governo de Damasco permitir. Damasco é uma ditadura. A Síria é uma ditadura. Numa ditadura não se fazem estas coisas sem a permissão do Estado, e obviamente que isso foi utilizado politicamente. Não me venham dizer agora que, no equilíbrio do que aconteceu, se compare meia dúzia de intelectuais ocidentais que disseram que é importante haver liberdade de expressão absoluta, uns excessivamente outros não, com as violências que provocaram vários mortos no mundo árabe e que foram consentidas na maioria dos casos por Estados que não são propriamente exemplos de democracias. Por isso, este colóquio é importante e é fundamental que se continue a discutir estas questões.

#### **BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS**

O caminho que eu proponho é um caminho muito mais difícil e mais humilde, talvez, na maneira de propor as coisas e que resulta do seguinte: eu não penso que seja hoje possível (é possível, mas não é a forma que eu gosto) poder pensar o mundo senão nos seguintes termos: eu tenho que pensar o mundo como se eu não tivesse o poder para destruir um país para lhe impor a democracia. Eu tenho que pensar como se eu não tivesse o poder para violar massivamente os direitos humanos em nome dos direitos humanos e que ninguém me pudesse criticar pela minha

hipocrisia. Eu tenho que pensar de maneira a que eu ache que a modernidade ocidental, o que quer que ela seja, impõe-se respeitando os valores que proclama e não *violando* os valores que proclama. Eu penso que neste momento os direitos humanos estão a ficar estranhos à própria modernidade ocidental. Não é estranho aos outros, é estranho aqui dentro, dada a hipocrisia que grassa. O facto de os direitos humanos terem origem ocidental não é problema nenhum, porque a condição da origem não determina o sinal de universalidade. O problema é saber duas coisas. Primeiro, é obviamente falso que não haja outras tradições de dignidade humana em todas as culturas, todas as têm. Exactamente, hoje o grande debate nos direitos humanos é sobre o multiculturalismo, a interculturalidade através de concepções alternativas da dignidade humana, que todos têm: uns chamam-lhe direitos humanos, outros chamam-lhe *Umma*, outros chamam-lhe *Dharma*, outros chamam-lhe outras coisas. Mas são condições e critérios de dignidade. E portanto, o que é preciso é começar, como dizia John Dewey, uma conversa da humanidade entre estas diferentes tradições. O que eu critico fundamentalmente é essa grande hipocrisia de violar sistematicamente os direitos humanos em nome da sua defesa. Eu sendo branco (sou branco em Portugal, porque nos Estados Unidos sou hispânico), admito perfeitamente ser a favor da proibição da fala do ódio. Mas se eu sou negro ou afro-descendente, e se me podem insultar na comunicação social, então aí o caso muda de figura. Eu tenho que me pôr no lugar do grupo mais vulnerável, do grupo que é objecto de discriminação e pensar que *há* limites. Eu não posso ofender uma pessoa, afirmar que é inferior, só por ser negro, ou negra.

É aqui que está o limite, é a capacidade que nós temos de nos pormos do lado do Outro. O discurso do Pacheco Pereira esconde uma realidade crucial: cheio de boas intenções está o inferno cheio. Porque foi para salvar a humanidade que se deu o genocídio dos índios na América Latina, em nome do fundamentalismo cristão católico. Foi em nome da salvação que se destruíram os povos índios na América do Norte sob o fundamentalismo puritano. Há, de facto, muitos ocidentes e eu reclamo-me de uma tradição do Ocidente que é realmente ampla. Nos termos dela não temos nenhum direito a invectivar os outros de fundamentalismo no momento em que temos uma história atrás de nós (pode não provar nada, mas explica tudo), em que nós usamos o nosso universalismo supostamente como uma forma de fundamentalismo. Isso é que é da nossa parte impossível, e espanta-me que alguém possa vir dizer, sobretudo uma jovem, que é injusto falarmos de colonialismo, quando nem sequer começámos a fazer as contas às atrocidades do colonialismo em Portugal. Nem sequer começámos a discutir isso e já se diz que é injusto. É

exactamente esta boa consciência da modernidade a esquecer o seu passado em nome de grandes ideias.

Pois claro, entre nós é fácil pormo-nos de acordo; o problema é quando interagimos com as vítimas dos nossos discursos no concreto. E aqui se nota uma coisa: se eu realmente conseguir pensar que o mundo não permite que me considere numa posição de força fundamental, eu começo a ver outras coisas. Começo a ver, por exemplo, em primeiro lugar, que há muitas tradições europeias e ocidentais. Segundo, há muitas tradições islâmicas. Há muitos movimentos feministas islâmicos. Realmente, hoje o movimento feminista internacional está muito dividido. Está dividido em geral e está dividido dentro do mundo islâmico. Há as mulheres secularistas que entendem que há realmente uma contradição essencial entre a mensagem islâmica e a posição das mulheres, e há as mulheres islâmicas do movimento islâmico que são religiosas e que dizem que o Corão tem várias interpretações, e uma delas é realmente a do período de Meca, antes do período de Medina, onde a igualdade de todos está perfeitamente garantida. E essas mulheres são islâmicas, são contra a excisão do clítoris – que não é uma prática islâmica aliás, é uma prática que tem muitas outras origens em muitas outras partes do mundo. A nossa ignorância tem dissimulado o outro lado da nossa arrogância. Nós somos arrogantes porque conhecemos mal os Outros. Porque se os conhecêssemos um pouquinho melhor tínhamos que ser um pouco mais humildes.

E a razão porque se discute todos estes temas na Europa é porque realmente há uma crise profunda nas crenças, nessas tais crenças que nós gostaríamos de ter para os outros, porque custou muita morte e agora está a entrar em casa. Realmente o 11 de Setembro é isso, Pacheco Pereira, deve ser mencionado, porque é a primeira vez que a vítima ataca no coração do agressor. Nunca os colonizados puderam fazer atentados em Londres ou em Lisboa, mas agora isto foi possível. Isto é gravíssimo que tenha sido conseguido. Agora eu não posso deixar de o pôr num contexto histórico. Compreender não é perdoar, de maneira nenhuma. O que eu não posso dizer é o seguinte: é que os excessos são sempre do lado dos outros. Porque esta é exactamente a nossa maneira de pensar: os excessos são eles que os cometem. Não é assim. Nós temos cometido historicamente muitos excessos, que, exactamente, como foi dito há pouco pela nossa psiquiatra aqui presente (certamente há outras mas foi a que falou), é uma questão de poder, e quem tem mais poder tem a possibilidade de converter as suas crenças em crenças universais, ou de alguma maneira pensar que elas são as melhores de todas. Ora, eu concordo com isto. Por que é que lutamos no Fórum Social Mundial por um mundo melhor? Exactamente, queremos um mundo melhor, queremos um mundo que em grande

medida possa de alguma maneira juntar a esta tradição e ao bom que ela tem, acreditando que há muito de bom na tradição islâmica, há muito de bom na tradição hindu, há muito de bom nas tradições africanas, e o que é preciso é fazer um jogo de soma positiva e não de soma zero como foi até agora. “Para impor a modernidade temos que destruir os outros”: não pode ser assim! Invadimos o Iraque e agora vai o Irão a seguir, não tarda muito. Sempre em nome da democracia e dos direitos humanos. Sempre em nome da *paz*. Sempre em nome do direito internacional... E é esta violência sacrificial que eu penso que, realmente, nós temos obrigação de denunciar.

Eu penso que realmente o colóquio foi muito bom. Pela minha parte, como diz o Pacheco Pereira, acho que é fundamental que façamos este debate para podermos começar a confrontar as nossas ideias. E não é para que necessariamente tenhamos que mudar as nossas opiniões. Mas vamos esclarecendo, exactamente, os fundamentos, porque eles são complicados. Em conclusão, dentro de uma cultura há um jogo; quando se entra em jogo com várias culturas, o jogo tem que ser diferente. E quem não vê, não sabe jogar futebol: é como se eu impusesse as regras e os outros tivessem que as obedecer. Ou as regras são para todos ou, então, efectivamente o jogo está viciado.

#### **MARIA IRENE RAMALHO**

Chegámos ao fim deste colóquio, e dele me fica uma ideia muito forte, que aliás Mostafa Zekri sublinhou bem na sua intervenção. Somos todos muito ignorantes, sabemos muito pouco uns dos outros. Precisamos, pois, de aprender muito mais. Para termos mais conversas difíceis, precisávamos de saber muito mais. Podíamos, por exemplo, escolher aprender árabe. Talvez tal se não possa exigir de muitos de nós, já mais velhos e de hábitos porventura anquilosados, mas aqui fica o apelo aos mais jovens: que o árabe entre nas vossas opções linguísticas. Poderíeis assim ler a poesia de Mahmoud Darwish no original e no seu contexto sociocultural, e perceber melhor a beleza dolorosa das metáforas da árvore para o coração do poeta e da cabeça do poeta para casa da cotovia e do seu canto. Há alguns anos, Darwish visitou finalmente o local de onde a sua família foi expulsa aquando da *Nakba*, em 1948. Nenhuma das casas ancestrais estava de pé.

Resta-me agradecer aos organizadores deste colóquio por esta iniciativa e a todos aqui presentes. Muito obrigada!

## Anexo

Vários manuscritos de autores muçulmanos contêm miniaturas representando acontecimentos e/ou figuras importantes no Islão e nos outros monoteísmos (Judaísmo e Cristianismo). A imagem de Maomé, “imaginada” através das descrições dadas pelos seus contemporâneos e transmitida posteriormente às gerações através dos textos, ocupa um lugar privilegiado nestes manuscritos, particularmente de autores ou de copistas persas e turcos. Através dos *links* abaixo indicados, podem consultar-se algumas miniaturas retiradas de manuscritos islâmicos conservados no Departamento de Manuscritos Orientais da Biblioteca Nacional de França (BNF) e digitalizadas pelo Departamento de Reprodução de Imagens da BNF, que detém todos os direitos de reprodução.

- 1 - Nizami, Llyas Ibn Yûsuf (1140?-1209?). *Mi`râj* do profeta Muhammad, manuscrito persa.  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=8003584&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 2 - Hilâlî (14-1530?). *Mi`râj* do profeta Muhammad, manuscrito persa  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7860799&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 3 - Bîrûnî, Muhammad Ibn Ahmad Abû al-Rayhân al- (0973-1048). O profeta Muhammad proibindo a intercalação.  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7812795&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 4 - Ishâq al-Nishâpûrî. Chegada do profeta Muhammad a Meca, Séc. XVI  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7900650&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 5 - O profeta Muhammad no caminho para Medina, manuscrito persa XIX  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7901774&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 6 - Mîr Haydar. Os profetas Muhammad e Moisés, manuscrito turco, séc. XV  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7894828&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 7 - Harou Malek Bakhchi. O profeta Muhammad numa posição de oração, manuscrito turco, séc. XV  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7885074&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 8 - Harou Malek Bakhchi. Ascensão do profeta Muhammad, manuscrito turco, séc. XV  
<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7894391&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>
- 9 - Mîr Haydar. Os profetas Muhammad e Adão, manuscrito turco, séc. XV